



EDITORIAL

IVANI SANTANA
GEORGE MASCARENHAS



ARTE: RESISTÊNCIA E IGNIÇÃO

Strange Tools, este é o postulado que o filósofo Alva Noë¹ procura desenvolver para refletir sobre a Arte, ou ainda, que ele nos ensina a razão pela qual a Arte nos faz refletir. Talvez a forma mais acurada de tradução para o português seja “instrumento singular”. Adotamos essa tradução por considerar instrumento o meio pelo qual o artista se expressa, e também por ser definido como um “implemento útil e necessário para efetuar uma ação física qualquer”²; enquanto o adjetivo singular pode ser compreendido como excepcional, raro, inusitado, peculiar ou exclusivo. Nossa escolha, a qual escapa portanto da correlação direta dos termos que nos levaria à tradução de tal conceito como «ferramenta estranha”, justifica-se por entender que o autor assume a Arte de forma análoga à filosofia, pois ela também tem o papel de nos interrogar sobre a vida, sobre o

1 NOË, Alva. *Strange Tools: art and human nature*. New York: Hill and Wang, 2015.

2 Definição de “instrumento” e “peculiar” encontrada em *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis*. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 15 set. 2020.

mundo e sobre nós mesmos, propondo novas possibilidades de organização. A Arte não busca por comprovações ou utilidades, seu foco está em propor, de forma muito própria, novas ignições e questionamentos. A forma de proceder da Arte está para além das formulações e reflexões de conceitos e lógicas transmitidas pelas ciências, afinal, ela é um “instrumento singular” justamente pela forma de ser e de propor. O caminho que a Arte estabelece é este de nos tirar da zona de conforto, do lugar comum, e desafiar-nos por meios inimagináveis, bem como por ações completamente cotidianas e comuns à primeira vista.

A Arte que aqui nos referimos indica a grande área na qual todos os campos artísticos estão envolvidos. Nesse sentido, estamos apontando tanto para a Arte conceitual, como também para a *trompe l’oeil*, ou mesmo a natureza morta. Estamos indicando os concertos experimentais de música, assim como a cantiga de roda. Estamos pensando nas performances, bem como no teatro convencional. De todo modo, a Arte é sempre um instrumento para nos provocar seja pelo riso, pela indignação, pelo susto, pelo deleite, pela mensagem, ou todas as outras sensações que a experiência artística e estética podem nos proporcionar. Da sua abstração ao seu literalismo, a Arte oferecerá sempre modos singulares de propor uma autoinvestigação em concomitância à exploração do contexto no qual se vive. Por isso, este “instrumento singular” é tão temido por alguns e aclamado por outros. Por esta razão, a Arte será sempre a resistência e a ignição de um povo.

A edição que apresentamos é uma dessas resistências. Ela chega em um momento crítico para a humanidade, quando está sendo necessário repensar o que estamos fazendo conosco, com o outro e com o planeta que habitamos. A pandemia que parou o mundo impactou todas as esferas de forma contundente e, nas Artes, ela foi avassaladora. Espaços culturais – teatros, cinemas, galerias, circos etc. – foram fechados em virtude do isolamento social devido ao COVID 19, alterando assim as formas de se fazer e de sentir Arte, agora realocada para o espaço virtual. Artistas buscam criar outras concepções, conceber outras estéticas, produzir outros mecanismos que sejam possíveis para a realidade do presente-ausente. Como seres evolutivos acumulamos, ao longo da nossa trajetória, uma série de adventos que buscam aproximar os entes distantes. Do sinal de fumaça às videoconferências, passando por pombo correio, cartão postal e código morse, o ser humano situado em seu contexto durante toda sua história evolutiva, buscou

aproximar aqueles que estavam remotos. Nesse contexto, o que nos preenche, mais do que nunca, são os momentos em que estamos imersos na experiência artística, seja envolvidos numa literatura, escutando música, assistindo um filme ou tantas outras configurações que foram iniciadas ou reativadas por conta da atual situação.

O trabalho esmerado de meses de produção da *Revista Repertório* sobre o Circo, iniciado quando jamais imaginaríamos estar atravessando uma situação mundial de saúde pública, é lançado agora em tempos pandêmicos, esperando ser um sinal de resistência e ignição para novas ideias. Sendo assim, brindamos o público com a edição, número 34, com o tema “O circo ontem e hoje”, a qual contará com uma segunda edição que em breve será lançada. Os diversos artigos apresentam o aspecto histórico do Circo, seu surgimento e existência no Brasil, as mudanças conquistadas com a contemporaneidade, os novos trabalhos corporais e os novos corpos que agora se apropriam desse campo, dentre outros temas de igual relevância. As reflexões, discussões e apresentações de novos conceitos, ideias, metodologias e obras circenses demonstram como a Arte é capaz de suscitar novos pensamentos e outras compreensões não apenas do próprio Circo, mas também de corpo contemporâneo e de mundo.

Neste momento tão impactante em nossas vidas, esperamos que as edições sobre o “Circo ontem e hoje”, frutos do Iº Seminário Internacional de Circo, que ocorreu em outubro de 2019, possam servir como um oásis em meio ao contexto de saúde pública, social e político que estamos atravessando, e que também sirvam como ignições para os nossos leitores, sejam em seus próprios fazeres artísticos ou em suas reflexões sobre a vida.